

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL/ENSINO ARTÍSTICO

ESCOLA PÁRA POR TRÊS DIAS

GREVE NAS BELAS-ARTES METE LUTO E FESTA

Um ambiente de luto e velório inunda esta manhã os corredores gelados e vozes da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. As numerosas estátuas de pedra ou de madeira que costumam dar vida àquela escola de ensino artístico estavam hoje tapadas com plásticos negros atados com cordel. Uma passadeira preta subia a escadaria do velho edifício, recordando-se, num e noutro recanto, em figuras sugestivas de mortos.

«Estamos a fazer um velório, pois queremos acabar de vez com os problemas velhos da escola», disse a «A Capital» Maria Paula Colaço, da Associação de Estudantes da ESBAL, justificando aquelas «instalações» a acompanhar a greve que hoje ali começou e se prolongará por três dias, em protesto pelas deficientes condições de ensino. «Põe-te a Pau» é o título do comunicado em que os alunos dos cursos de Design, Artes Plásticas e da ESBAL iniciaram a disciplina de preencher o período de paralisação na escola de uma forma pouco comum: como artistas que são, promoveram um animado programa cultural, que extravia as paredes da escola. Assim, esta tarde, os alunos em greve, com o apoio do curso de Arquitectura, que resolveu também aderir, e com os alunos do Conservatório Nacional, irão pintar para o Chiado, a fim de alertarem a população para os seus problemas.

Por outro lado, amanhã, de manhã, haverá na escola sessões sucessivas de música, teatro e mímica. A Associação de Estudantes apresenta-se como «uma paralisação sem confrontos pessoais», convidando todos os alunos daqueles cursos a participarem na «festa».

A nossa ideia é impedir alegremente que as aulas funcionem, que fazendo repetidos desfiles barulhentos dentro do espaço interior da escola, quer tocando tambores ou outros objectos «musicais» — diz a direcção da Associação, num comunicado distribuído esta manhã com o título «Põe-te a Pau».

Entretanto, amanhã, à tarde, está prevista uma actividade séria sobre a discussão de um projeto de lei. Assim, decorrerá um debate entre alunos, professores e — caso tenha aceite a proposta formulada pela direcção da A.E. e esteja presente — o

ministro da Educação. Nesta reunião deverão ser também apresentadas as conclusões de um inquérito promovido na escola e que deram origem à actual paralisação. Aliás, as conclusões do inquérito estão devidamente fixadas nas paredes, bem como documentos esclarecedores sobre as reivindicações dos grevistas.

«Embora saturadas de palavras sem concretizar factos, não nos desiludem de lutar por uma escola melhor», pode ler-se na carta, igualmente elixida, que os estudantes escreveram ao ministro.

De resto, os cartazes, em letras bem gordas e vermelhas, intercalados entre as obras de arte que se espalham nas paredes da escola, são bem elucidativas das intenções dos alunos. «Queremos sangue novo», diz um deles. E outro, ao lado, lê-se: «As obras fazem-se no Verão».

De facto, os estudantes queixam-se de que «advisos efectuados a todos os níveis pelos órgãos do governo» não uns sóis a esta parte levaram a cabo a luta de controlo de quinquagésimo ensino, nomeadamente desvios ao plano de curso estabelecido por cada cadeira.

A partir da degradação das instalações «que tomou proporções alarmantes», os estudantes lamentam-se de que têm de ter aulas à luz de vela, não podem utilizar as máquinas da disciplina de Tecnologia de apoio às nucleares e não têm cantina há três anos porque não existe um quadro geral de distribuição de energia eléctrica adequado aos sofisticados equipamentos que foram instalados na escola e que, afinal, não podem ser utilizados.

Por outro lado, exigem colocação de professores e técnicos especializados, de pessoal auxiliar e de limpeza.

Maria Paula Colaço, indicada por dois outros estudantes da ESBAL, explicam ao nosso jornal as razões

que os levaram à greve que decorre naquela escola de ensino artístico

Manifestação nacional de Letras

Protestando contra as obras em curso, que fazem parar aulas de cerâmica e não dão ambiente de estudo, os estudantes lutam pela integração na Universidade e defendem que as escolas do Arquitectura, Belas-Artes e Conservatório deverão ter um estatuto próprio, integrando-se numa Universidade de Ensino Artístico.

Os estudantes de Letras poderão

realizar uma manifestação nacional em Lisboa, caso o ministro da Educação não os receba até ao próximo dia 21. Informou ontem um membro da Comissão Coordenadora de Estudantes.

Manuel Lof, da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Porto, revelou à Lusa que a resposta ao pedido de audiência tem de ser

dada em tempo útil, o que para os estudantes significa até dia 13.

Entretanto, a lista C ganhou as eleições para a direcção da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa, obtendo 944 votos contra 717 da lista A, informou hoje a associação.

A lista C é encabeçada por Carlos Lof, que pertence à anterior direcção e se lhe pronunciou desfavoravelmente quanto ao processo de tutela conduzido pela Comissão Coordenadora de Estudantes da faculdade.

Manuel Lof, da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Porto, revelou à Lusa que a resposta ao pedido de audiência tem de ser

Conflito - Estudantes - Ensino Artístico
ESC. SUP. Belas Artes

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31